

Entrevistas

Julio Moreno¹

Marta Rezende Cardoso²

Sérgio Eduardo Nick³

1 – Realidade e ficção, conteúdo manifesto e latente, imaginário e simbólico, paciente e analista. Toda história contém um tanto de um e de outro e além... Como você entende a história em psicanálise?

1 – Realidad y ficción, contenido manifesto y latente, imaginario y simbólico, paciente y analista. Toda historia contiene algo de uno y de otro y más... ¿Cómo piensas la historia en psicoanálisis?

Julio Moreno

Realidade e ficção estão imbricadas, assim como o estão os conteúdos manifesto e latente, e também, de certo modo, “o mundo” do analista e o do paciente, fundamentalmente em um espaço temporal chamado “sessão”. Pode ser “útil” diferenciá-los para estabelecer “lugares” separáveis, mas em algum lugar é crucial sua mútua implicação.

1. Médico y Doctor en Medicina. Posdoctorado en el Instituto de Salud de la Universidad de California en Los Ángeles. En Buenos Aires, es Miembro Titular y en función didáctica de APdeBA. Fue Director del departamento de Familia y Pareja de APdeBA. Autor de los libros Ser Humano (2002, Ed del Zorzal), Tiempo y Trauma (2010 Ed. Lugar), La infancia y sus bordes (2014, Ed. Paidós), How we become human, (2014, Rowman & Littlefield), El Psicoanálisis Interrogado (2016, Ed. Lugar) y Elogio a Cierta Ignorancia (2020 Ed Letra Viva). En el 2017 recibió el Premio Sigmund Freud Award por su contribución al psicoanálisis.

2. Psicóloga; Psicanalista; Doutora em Psicanálise pela Universidade de Paris 7 - atual Paris Cité (França); Professora Titular da UFRJ – Pós-graduação em Teoria Psicanalítica; Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental; Autora de vários artigos, livros; organizadora de diversas coletâneas.

3. Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro/SBPRJ. Atual Representante Latino-americano junto ao 'Board' da IPA - Associação Psicanalítica Internacional (IPA).

Verdade e ficção, assim como real e irreal, são conceitos que se implicam mutuamente. Um não existe sem o outro, e menos ainda no campo de nossa prática: no decurso de uma sessão psicanalítica não é possível – tampouco, se fosse possível, desejável – transcrever *textualmente* o que ali se diz. Na inscrição, produzem-se inevitavelmente excessos e déficits que acabam sendo mais produtivos que o suposto dizer textual; as correções e os equívocos são pontos de acesso privilegiados aos enigmas do inconsciente.

Ou seja, ambos os polos da oposição binária “real-irreal” são de algum modo verdadeiros e é inoperante decidir-se em favor de um deles. Além disso, a zona mais fértil se produz *entre* ambos, onde seus territórios se superpõem. Por exemplo, a teoria da sedução e a da fantasia, de Freud, sobre a origem das neuroses, que poderiam ser pensadas como alternativas excludentes, na verdade não o são. Os mais interessantes desenvolvimentos se produzem quando o sexual transcorre *entre* realidades e fantasias. Por isso, não costumamos – nem deveríamos – buscar a determinação de uma neurose exclusivamente no território da fantasia nem no do factual, mas em sua interterritorialidade.

A variabilidade na vida é incessante e inevitável. Isso já é afirmado pelo segundo princípio da termodinâmica, quando fala da entropia, que é a medida da desordem de um sistema, e que está aumentando constantemente no universo. Este princípio se aplica tanto aos objetos quanto aos sujeitos.

Hoje em dia, porém, já não se considera mais que as coisas transcorram em um único e limitado Universo. Hoje se pensa que habitamos simultaneamente muitos universos, cada um com leis diferentes, o que se denomina atualmente como *multiverso*, e que se tornou uma hipótese científica fértil que sugere a existência de diferentes universos, cada um com suas propriedades singulares. Este conceito foi utilizado em diferentes campos, como a filosofia, as ciências duras e, em especial, a ficção científica.

As crianças, em seus pensamentos e em seus jogos, transitam fora da teoria convencional segundo a qual a realidade se deve a causas que determinaram os fatos. Elas habitam o fantástico e o inverossímil, e os personagens podem tornar-se o que antes não eram. Talvez nós, adultos, devêssemos nos atrever a habitar zonas semelhantes às da literatura fantástica ou às dos jogos infantis para tomar distância daquilo que chamamos “a realidade crua”. Um exemplo muito recente se encontra no filme que ganhou sete Óscares: *Tudo em todo lugar ao mesmo tempo*. Quando o assisti pela primeira vez, seu ritmo vertiginoso não me permitiu “entendê-lo” a partir da lógica das continuidades causais em que fui formado. Se eliminássemos essas “fugas da realidade crua”, nossa vida se cho-

caria contra a barreira fechada, a da chamada *realidade convencional*, em que tudo está delimitado por limites que bloqueiam nossa criatividade. Construimos muralhas sólidas que não permitem que o não-preconcebido se intrometa em nossas concepções. No espaço do multiverso, os vínculos, que transcorrem por lógicas heteróclitas e produzem novidades radicais, são de grande importância.

Em outras palavras, na relação de um par, ambos os integrantes carregam diferenças que não se complementam nem se opõem, se *suplementam* e, desse modo, podem gerar mudanças decisivas.

Idioma original

Realidad y ficción están imbricadas como lo está el contenido manifiesto y el latente y también, en cierto modo “el mundo” del analista con el del paciente, fundamentalmente en un espacio temporal llamado “sesión”. Puede ser “útil” diferenciarlos para establecer “lugares” separables, pero en algún lugar es crucial su mutua implicancia.

Verdad y ficción, como real e irreal, son conceptos que se implican mutuamente. No hay uno sin el otro, y menos aún en el campo de nuestra práctica: en el transcurso de una sesión psicoanalítica no es posible –ni, si así lo fuera, deseable– transcribir *textualmente* lo que ahí se dice. En la inscripción se producen, de manera inevitable, excesos y déficit que terminan siendo más productivos que el supuesto decir textual; las correcciones y los equívocos son puntos de entrada privilegiados a los enigmas del inconsciente.

Es decir, ambos polos de la oposición binaria “real-irreal” son de algún modo ciertos y es inoperante decidirse por uno. Además, la zona más fértil se produce *entre* ambos, donde sus territorios se superponen. Por ejemplo, la teoría de la seducción y la de la fantasía de Freud sobre el origen de las neurosis, que podrían pensarse como alternativas excluyentes, en rigor no lo son. Los más ricos desarrollos se producen cuando lo sexual transcurre *entre* realidades y fantasías. Por lo que no solemos –ni deberíamos– buscar la determinación de una neurosis exclusivamente en el territorio de la fantasía ni en el de lo fáctico, sino más bien en su interterritorialidad.

La variabilidad en la vida es incesante e inevitable. Lo afirma ya el segundo principio de la termodinámica cuando habla de la entropía que es la medida del desorden de un sistema y que en el universo se incrementa constantemente. Este principio se aplica a los objetos y también a los sujetos.

Pero, en estos tiempos ya ni se considera que las cosas ocurren en un limitado y único Universo. Hoy se piensa que habitamos simultáneamente mu-

chos universos cada uno con leyes diferentes, lo que se denomina actualmente *multiverso* que se ha convertido en una fértil hipótesis científica que sugiere la existencia de diferentes universos, cada uno con sus propiedades singulares. Este concepto fue utilizado en distintos campos como la filosofía, las ciencias duras y, en especial, la ciencia ficción.

Los niños en sus pensamientos y en sus juegos transitan por fuera de la teoría convencional de que la realidad se debe a causas que determinaron los hechos. Habitan lo fantástico y lo inverosímil y los personajes pueden devenir lo que antes no eran. Quizás los adultos tendríamos que atrevernos a habitar zonas similares a las de la literatura fantástica o la de los juegos infantiles para tomar distancia de lo que llamamos “la cruda realidad”. Un ejemplo muy reciente se encuentra en el film que ganó siete premios Oscar: “Todo al mismo tiempo y en el mismo lugar”. Cuando la vi por primera vez, su ritmo vertiginoso no me permitió “entenderla” desde la lógica de las continuidades causales en que fui formateado.

Si eliminásemos esas “escapadas de la realidad cruda” nuestra vida chocaría contra la barrera cerrada, la de la llamada *realidad convencional* en la que todo está determinado por límites que bloquean nuestra creatividad. Hemos construido murallas sólidas que no dejan que en nuestras concepciones se entrometa lo no preconcebido. En el espacio del multiverso cobran gran importancia los vínculos, que transcurren por lógicas heterólogas y producen novedades radicales.

Dicho de otra manera, en un vínculo de pareja ambos integrantes aportan diferencias que no se complementan ni se oponen, se *suplementan* y de ese modo pueden generar cambios decisivos.

Marta Rezende Cardoso

A história subjetiva, com múltiplas camadas formadas, retomadas, recalçadas, sempre em sobredeterminação, é a matéria-prima da psicanálise. Será que pensá-la a partir da ideia de realidade permite iluminar a significação especial que possui nesse campo ou, ao contrário, dificulta sua apreensão? Desdobrar a noção de história na de realidade necessita precisão e cautela quanto a de que realidade se trata sendo a escuta psicanalítica endereçada à subjetividade humana. Não me refiro aqui apenas à escuta singular do psicanalista em seu ofício clínico, mas, em primeiro lugar, à escuta que cada sujeito faz de sua própria história e ao que dela, tornado inconsciente, lhe escapa, e também de suas relações, desde as mais ancestrais. Estão aí em jogo a história intimista e também a compartilhada, a história individual, social, sem esquecer, claro, a de um determinado contexto no qual cada um de nós se constitui e efetiva sua história.

A história subjetiva, advinda originariamente do olhar e do enigma do outro – “o eu é o outro” inicialmente –, será representada como imagem de si, formadora do espaço narcísico. As fronteiras desse espaço, por meio de trocas relacionais primárias e edípicas, virão a ser mais ou menos porosas em relação a uma alteridade interna, com inescapável ressonância histórica nos encontros e desencontros com a alteridade externa. A singularidade da história resulta em potencialidades, via repetição, de tipo diferencial ou, diante de certas marcas, fazendo imperar a repetição do mesmo. Todos esses vividos e seu processamento interno serão reveladores de maior ou menor estado de alienação, de servidão à história do “outro”. Porém, cabe ressaltar que a história singular ou coletiva restará sempre aberta, em tese, a Eros, à transformação criativa; em certos casos, aberta até a uma perspectiva revolucionária.

A clínica psicanalítica, no seio da qual, pela transferência, a história psíquica se repete, em nova edição, não cessa de demonstrar sua plasticidade e a de seus destinos. É certo, há casos de alienação histórica onde a inércia psíquica domina, estancando o curso da história, chegando até a uma reação terapêutica negativa ou, para além do setting, conforme tenho designado, a uma reação subjetiva negativa, em que o curso da história é barrado pela intrusão no psiquismo de “memórias amnésicas”, vividos desprovidos de lembrança, não fazendo, portanto, história.

Quando o processo identificatório, fonte do eu conquistador, se dá sem tropeços por demais violentos, a construção da história, com suas moventes camadas, tenderá talvez a um resultado mais favorável, pela apropriação mais ampla e criativa da herança do “outro” que assim terá tido lugar nesse processo, do mesmo modo que do trabalho de análise. Este implica uma apropriação sem fim, conquista de território pelo eu, neste caso, o cursor da história buscando a direção de “onde estava o isso, o eu deve advir”. Mas esses processos não ocorrem sem a permanência, em algum grau, ruidosa ou silenciosa, da “sombra do outro”. A qualidade desta presença, fundamento da história, parece-me ser um operador significativo no que tange à experiência de cada sujeito, ao sentimento de continuidade de si, dando consistência à temporalidade complexa que move a subjetividade. Nesta, de maneira entrecruzada, aparecem passado, presente e futuro.

A realidade aqui concernida, que faz história, não é nem a que se conviria considerar plenamente como fantasia, nem a de uma realidade supostamente externa. A realidade subjetiva é histórica, mensageira, ancorada na alteridade do outro, em seu enigma, história construída/destruída a partir do arcaico, do

infantil, de sua retomada no adolescer, no envelhecer. É história em permanente movimento de “só-depois”, por meio de uma temporalidade em que progressão e regressão agem simultâneas, ou seja, curso histórico do existir, do viver.

Sérgio Eduardo Nick

Para responder esta pergunta singular, há que se ter em mente o conceito de *nachträglichkeit*, que faz com que pensemos a história sempre do ponto de vista de uma perspectiva, como nos indicou Renato Mezan (2014). Assim como a mente humana vai ressignificando suas memórias num *a posteriori*, não nos é possível pensar uma história dada, mas uma história composta por narrativas que se vão transformando à medida em que novos dados e *insights* vão trazendo novos sentidos ao conhecido.

Roudinesco (2017) postula que “*atualmente, uma comunidade que não quer olhar para a sua história está condenada a não renovar seus conceitos básicos, sua clínica, e sua doutrina.*” Ela considera que inúmeros historiadores psicanalíticos teriam feito apenas um recorte da história da Psicanálise, deixando de lado, portanto, importantes dados necessários à compreensão do que Freud teria postulado. Eu mesmo receio que somente grandes estudiosos seriam capazes de fazer um estudo mais pormenorizado dos complexos caminhos trilhados por seu criador, de forma a atender à essa crítica da autora.

Mas podemos dizer que a Psicanálise foi um método de tratamento criado por Freud, desde o final do século XIX, para tratar das psiconeuroses a partir do conceito de inconsciente. Suas bases incluiriam também os conceitos de Complexo de Édipo, os conflitos psíquicos, as transferências, a sexualidade infantil, e os diferentes modelos de mente que ele foi desenvolvendo.

O conceito de Inconsciente, na medida em que desloca o sujeito a uma realidade outra, traz para a cultura uma enorme revolução. Seus corolários, tão bem estudados por tantos historiadores, incluem os movimentos feminista e LGBTQIA+, a desconstrução do sujeito conhecido até então, a diferente relação com as crianças, e um enorme cambio nas relações interpessoais – hoje muito mais horizontalizadas.

É evidente que estou fazendo um breve e incompleto recorte da nossa história, apenas para dar a vocês uma ideia de como entendo o conceito de história em Psicanálise. Por mais que se a estude, está claro que teremos escolhido alguma(s) das inúmeras vertentes que se desenvolveram a partir dos postulados freudianos, ficando de fora autores psicanalíticos que outrossim trariam luz ao que Green (2008) denominou de uma ciência da hipercomplexidade.

2 – Em seu livro “As Cidades Invisíveis”, Ítalo Calvino disse que é a escuta quem comanda a narrativa de uma história. Analogamente, seria possível dizer que onde houver um psicanalista haverá psicanálise?

2 – En la obra “Las ciudades invisibles”, Ítalo Calvino nos dice que es la escucha la que comanda la narrativa. ¿Análogamente, se podría decir que donde haya un psicoanalista habrá psicoanálisis?

Julio Moreno

Devo confessar que não conheço suficientemente a obra *As cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino, para responder a esta pergunta com precisão. Concordo que a escuta é o que comanda a narrativa. Também concordo que, onde houver um psicanalista, *pode* haver psicanálise, desde que se dê uma interrelação entre este psicanalista e uma pessoa que, de alguma maneira, interaja através de seu pensamento com o pensamento do analista, e concorde com que ele seja um participante ativo em seu “pensar a vida”.

Idioma original

Debo confesar que no conozco suficientemente la obra “Las ciudades invisibles” de Ítalo Calvino como para responder esta pregunta con alguna precisión. Conuerdo con que la escucha es la que comanda la narrativa. También que donde hay un psicoanalista *puede* haber psicoanálisis, pero siempre y cuando se de una interrelación entre ese psicoanalista y una persona que, de alguna manera, interactúe a través de su pensamiento con el pensamiento del analista y acceda a que este sea un participante activo en su “pensar la vida”.

Marta Rezende Cardoso

O que busquei mostrar na questão anterior sobre a singularidade da história em psicanálise oferece elementos centrais para a reflexão que agora tem como foco o incontornável papel da escuta nesse campo. Seja no exercício da prática clínica, intra ou extramuros, individual ou grupal, com enquadre clássico ou ampliado, e, neste caso, em diferentes modalidades, seja na prática de investigação teórica em psicanálise, é na natureza peculiar da escuta que se afirma a sua efetividade. Trata-se de um saber em que a práxis se orienta totalmente pela singularidade da escuta que lhe dá sustentação e existência, implicando, para tal, um método complexo, sua meta sendo precisamente possibilitar o acesso do sujeito a um plano de narrativa não manifesto, mediante esse método através

do qual também se possibilita o acesso, numa outra vertente, desta vez investigativa, aos fundamentos e ao funcionamento do psiquismo. Para que estes objetivos sejam alcançados, é demandada uma especial escuta, atenta a índices, em contraposição à linearidade, às significações predeterminadas; escuta de uma fala que, por incitação do psicanalista, pela própria natureza de sua escuta, tenta provocar um livre associar, regra que, a rigor, de livre nada tem: quanto maior liberdade atinge, mais se vê determinada, mas, neste caso, determinada pelo inconsciente emergente na “narrativa”.

A matéria-prima da psicanálise reside na história subjetiva, conforme sublinhei acima, sendo esta construída por múltiplas identificações e apropriações do eu. Esta história é assentada num legado diante do qual o eu terá que ser mediador em várias frentes, em situação de batalha e de harmonia estabelecidas com personagens e representantes internos, com as outras instâncias e com o mundo externo. Assim se processa a história subjetiva, enquanto representação e tradução, e com elementos que dela escapam. O psicanalista só terá acesso a essa trama temporal e espacial da história dos pacientes mediante escuta flutuante. A condição para isso, dentre várias outras, é uma presença sensível, com sensores ligados e bem abertos, deixando-se utilizar como objeto de transferência, numa dinâmica relacional da qual é parte integrante e através da qual se trava, em nova edição, a repetição da história subjetiva. Se assim o é, como não sustentar que onde houver um psicanalista haverá psicanálise?

Ressalto neste ponto, ainda em defesa de que é a escuta psicanalítica que circunscreve seu próprio espaço, a pertinência das práticas clínicas ampliadas, extramuros. Sobre este tópico, a título de ilustração, menciono uma proposta clínica da qual tive o prazer de participar, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, de um trabalho em parceria com o grupo Travessia da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, grupo de relevo nesse cenário por sua liderança e pela realização de projetos em que a presença do psicanalista garante, com sua escuta, o exercício da psicanálise.

Na impossibilidade de aqui detalhar o referido trabalho, esclareço apenas que ele consistia em atendimentos a pequenos grupos de professores da rede municipal do ensino fundamental e básico do município do Rio de Janeiro. Esta proposta de intervenção social clínica oferecia escuta qualificada a esses sujeitos, em atenção ao seu sofrimento psíquico, mas, enquanto educadores, em sua inserção institucional como espaço coletivo, sem, no entanto, perder de vista a dimensão de singularidade do sujeito. Esta escuta, fora do enquadre clássico, com manejo e objetivos diversos quanto a certos aspectos, tem seus

pilares básicos na psicanálise, orientando-se por uma atenção flutuante, sensível à dinâmica relacional e à história subjetiva, propiciando a convergência e o compartilhamento de histórias subjetivas.

Sérgio Eduardo Nick

Para começar, não creio que a assertiva é correta. As prerrogativas para que haja psicanálise são muitas, e raras de se encontrar. Ela demanda o encontro de duas mentes com características *sui generis*. Claro que estou me referindo a um processo psicanalítico, como foi tão bem descrito por vários autores. Ele inclui alguns dos aspectos já enunciados na resposta anterior e pressupõe um tempo largo de intenso labor entre analista e paciente.

Tal afirmação se baseia em momentos analíticos que ocorrem em encontros entre duas mentes onde a uma narrativa corresponde uma mente capaz e disponível para acolher os elementos conscientes e inconscientes contidos na comunicação feita, sua elaboração, e a conseqüente transformação que se daria nas mentes do psicanalista e na daquele emissor da comunicação.

Strachey (1934/1969), em seu lapidário artigo de 1934, “The Nature of the Therapeutic Action of Psychoanalysis”, já buscava demonstrar a natureza mutativa da interpretação e como ela seria fruto de um processo, conforme eu advogo aqui.

Desde seu início, a Psicanálise foi se adaptando às mudanças em seu meio sociocultural, levando ao que Virgínia Ungar (2015) postulou em seu keynote paper para o congresso da IPA em Boston:

Más de 100 años después de su formulación primera y en el marco de una serie de cambios vertiginosos en las instituciones sociales y de intensas mutaciones tecnológicas de alto impacto en la subjetividad, revisar estas variaciones y sus efectos sobre nuestra tarea no parece ser una inquietud sociológica menor de los psicoanalistas sino que es una condición necesaria para el ejercicio del oficio (Ungar, 2015, pp.41-42).⁴

Deste modo, posso afirmar que lidamos hoje com modelos diferentes daquele inicialmente formulado como um modelo arqueológico da cura. Por exemplo, diferente de uma interpretação correta, trabalhamos hoje mais com a ideia de

4. Tradução: Mais de 100 anos desde sua primeira formulação e no âmbito de uma série de transformações vertiginosas nas instituições sociais e de intensas mudanças tecnológicas com grande impacto na subjetividade, revisar essas variações e seus efeitos sobre nossa tarefa não parece ser uma inquietude sociológica menor dos psicanalistas, mas sim uma condição necessária para o exercício do ofício.

uma interpretação que vai sendo construída pela dupla analista-paciente, dentro do que se cunhou como enquadre ('setting') psicanalítico. Até aqui estamos abarcando a interpretação sem questionar o que a aproximaria da ciência ou da arte.

Muito bem, segundo vários autores, o que tornaria a Psicanálise uma prática científica seria a possibilidade de avaliar a correção da interpretação (presença ou não de mudanças psíquicas, por exemplo). Já outros preferem ver a Psicanálise como um ofício mais próximo da arte, onde a interpretação, construída junto com o paciente, iria descrevendo o que ocorre no campo, ou conjecturando-o imaginativamente (Ungar, 2015). Para ela,

una modalidad interpretativa diferente basada, creo yo, más en la posibilidad de observar y describir más que en la de explicar. Desde mi punto de vista, esta modalidad interpretativa metacomunica, asimismo, una actitud de observación, de reflexión y de conjetura (Ungar, 2015, p.56).⁵

Claro que há o componente subjetivo da escuta, e que é dela que o analista vai se utilizar para compreender seu paciente. Não se pode mais dizer que existe uma escuta de um analista sem o vínculo com o analisando. Ela vai, portanto, dando lugar a uma escuta compartilhada, uma escuta interessada e não intrusiva. Se trata de deixar falar o paciente e ver como ela ressoa na mente do analista.

3 – Na sua história de pouco mais de 100 anos, a psicanálise nunca deixou de ser atacada quanto ao lugar que ocupa na ciência. Que importância tem esse debate hoje?

3 – En la historia de más de 100 años, el psicoanálisis no ha dejado de ser atacado con respecto al lugar que ocupa en la ciencia. ¿Qué importancia tiene ese debate hoy en día?

Julio Moreno

A verdade é que a psicanálise não é parente imediato homólogo de nenhuma outra ciência, e muito menos das "ciências duras". Eu considero que existe um para-

5. Tradução: Uma modalidade interpretativa diferente, baseada, acredito, mais na possibilidade de observar e descrever que na de explicar. Do meu ponto de vista, esta modalidade interpretativa metacomunica, ainda assim, uma atitude de observação, de reflexão e de conjectura.

doxo, o chamado “Paradoxo de Moore”, que explica muito da formação humana e, particularmente bem, o lugar notável por onde transita um trabalho analítico.

A relação da criança com seus pais e nosso trânsito cotidiano pelas questões do saber, como acontece em uma análise, são regulados por um paradoxo. Nestes tempos em que prepondera uma aproximação científica aos assuntos de crença, não parece haver muito espaço para os paradoxos ou para as atitudes que desafiem a lógica formal que imperou inquestionavelmente nos tempos da modernidade, de onde justamente emergiu a psicanálise.

Porém, hoje em dia, já não é assim, e o império do positivismo lógico acabou em nosso trabalho. Lembremos que o discurso científico assegura que só é crível o que é verificável, aquilo que este pensamento assegura e verifica como verdadeiro, ou seja, aquilo cuja existência se justifica apenas por suas causas (como efeito delas). Para esse discurso, pareceu não ter havido nada que escapasse ao princípio de razão suficiente de Leibniz.

O notável paradoxo a que me refiro foi apresentado em 1925 por George Edward Moore. Foi Ludwig Wittgenstein quem o chamou “paradoxo de Moore”. Com este paradoxo, usando-se orações indiretas com verbos como “creio”, “suponho”, “duvido”, “prefiro”, pode-se dizer algo e, ao mesmo tempo, colocá-lo em dúvida. O paradoxo se enuncia, para o verbo “crer”, por exemplo, do seguinte modo:

P, porém não creio que P.

Em que *P* pode aludir a qualquer afirmação.

O próprio Moore, que aderiu à ideia de que a filosofia devia orientar-se para encontrar sua comunhão com a ciência, considerou este paradoxo um absurdo: crer e, ao mesmo tempo, não crer em algo. Não se podia admitir que alguém cresse em algo ou o supusesse *e*, ao mesmo tempo, não cresse nisso ou o supusesse.

É uma abordagem que me lembra bastante o meu conhecimento pouco experimentado da psicologia cognitiva. Sua doutrina parece voltada para o empirismo realista da filosofia moderna, evitando a doutrina dos cétricos e defendendo o senso comum de que a experiência é resultado do conhecimento de um mundo objetivo externo, ou seja, de algo ao menos independente dos preconceitos das mentes. Desse modo, se entende que Moore tenha considerado seu criativo paradoxo um absurdo. “As vespas estavam dormindo e não acordaram”, afirmou Wittgenstein.

O interesse de Wittgenstein pelo “paradoxo de Moore” se relaciona com sua posição – expressa no seu *Tractatus* – crítica à abordagem positivista-científica dos filósofos: “A filosofia”, ele dizia, “não é uma ciência natural”. Naquele tempo, vários pensadores positivistas do Círculo de Viena (que advogava uma

concepção científica do mundo e defendia o empirismo de David Hume, John Locke e Bertrand Russell, entre outros) haviam proposto trabalhar no que eles chamaram de uma *filosofia científica*, que considerava que a filosofia podia ser pensada como uma ciência.

Para Wittgenstein, por outro lado, há uma descontinuidade entre ciência e filosofia. A ciência faz afirmações sobre a realidade, mas essa missão *não* cabe à filosofia. Em seus *Cadernos azul e marrom*, por exemplo, o austríaco escreveu: “Os filósofos têm sempre presente o método da ciência e são irresistivelmente tentados a levantar questões e a respondê-las do mesmo modo que a ciência. Esta tendência (...) leva o filósofo à total obscuridade”⁶.

Ou seja, as perguntas filosóficas não são perguntas científicas, nem devem apresentar-se como novas descobertas acerca da realidade. Wittgenstein vislumbrava a diferença entre um problema filosófico (da ordem do ontológico e das questões do ser) e um problema científico (que supostamente é gnosiológico, ocupando-se das questões do conhecer).

Idioma original

La verdad es que el psicoanálisis no es inmediato pariente homólogo a cualquier otra ciencia y mucho menos, “las ciencias duras”. Yo considero que hay una paradoja llamada “Paradoja de Moore” que explica mucho de la crianza del humano y particularmente bien, el notable lugar por donde transita un psicoanálisis.

La relación del niño con sus padres y nuestro tránsito cotidiano por las cuestiones del saber, como acontece en un psicoanálisis, están reglamentadas por una paradoja. En estos tiempos de preponderancia del acercamiento científico a los asuntos del creer, no parece haber demasiado espacio para las paradojas o los planteos que desafíen a la lógica formal que imperó incuestionablemente en los tiempos de la Modernidad, donde justamente emergió el psicoanálisis. Pero hoy en día, ya no es así y se acabó el imperio del positivismo lógico en nuestra tarea. Recordemos que el discurso científico asegura que solo es creíble lo verificable, aquello que ese pensamiento asegura y verifica como verdadero, es decir, aquello que solo las causas justifican su existencia (como efecto de ellas). Pareció no haber habido para ese discurso nada que quede fuera del principio de razón suficiente de Leibniz.

6. Retirado de file:///C:/Users/user/Downloads/Wittgenstein_O_Livro_Azul.pdf. Ligeiramente adaptado. [N.T.]

La notable paradoja a la que me refiero fue planteada en 1925 por George Edward Moore. Fue Ludwig Wittgenstein quién la llamó “paradoja de Moore”. Esta paradoja, usando oraciones indirectas de verbos como *creo*, *supongo*, *dudo*, *prefiero*, puede decir algo y, al mismo tiempo, ponerlo en duda. Se enuncia, por ejemplo, para el verbo “creer”, del siguiente modo:

P, pero no creo que P.

Donde *P* alude a cualquier aseveración.

El mismo Moore, que adhería a la idea de que la filosofía debería dirigirse a encontrar su comunión con la ciencia, consideró a esta paradoja una absurdidad: creer y al mismo tiempo, no creer algo. No podía admitirse que uno crea o suponga algo y, al mismo tiempo, no crea o no suponga eso.

Es un acercamiento que me recuerda bastante al no muy avezado conocimiento que poseo yo de la psicología cognitiva. Su doctrina parece encaminada al empirismo realista de la filosofía moderna evitando la de los escépticos y defendiendo el sentido común de que la experiencia resulta del conocimiento de un mundo externo objetivo, es decir, en algo al menos independiente de los prejuicios de las mentes. De modo que se entiende que Moore haya considerado su creativa paradoja una absurdidad. “Las avispas estaban dormidas y no despertaron”, afirmó Wittgenstein.

El interés de Wittgenstein por la “paradoja de Moore” se relaciona con su posición -expresada en su *Tractatus*- donde critica el acercamiento positivista-científico de los filósofos: “La filosofía -decía- no es una ciencia natural”. Por aquel entonces, varios pensadores positivistas del Círculo de Viena (que abogaba por una concepción científica del mundo y defendía el empirismo de David Hume, John Locke y Bertrand Russell, entre otros) habían propuesto trabajar en lo que ellos llamaron una *filosofía científica* que consideraba que la filosofía podía pensarse como una ciencia.

Para Wittgenstein, en cambio, entre ciencia y filosofía hay una discontinuidad. La ciencia hace aseveraciones sobre la realidad, pero esa misión *no* atañe a la filosofía. En su *Cuadernos azul y marrón*, por ejemplo, el austríaco escribió: “Los filósofos tienen constantemente ante los ojos el método de la ciencia y sienten una tentación irresistible a plantear y a contestar las preguntas del mismo modo que lo hace la ciencia. Esta tendencia [...] lleva al filósofo a la oscuridad más completa”. Es decir, las preguntas filosóficas no son preguntas científicas ni deben presentarse como nuevos descubrimientos acerca de la realidad. Wittgenstein vislumbraba la diferencia entre un problema filosófico (del orden de lo ontológico y las cuestiones del ser) y

uno científico (que supuestamente es gnoseológico, ocupado en las cuestiones del conocer).

Marta Rezende Cardoso

Este é um debate que habita a psicanálise desde sempre, com seu método, que concerne à subjetividade e a tudo que, como vimos, convoca a dimensão de história, considerando-se, de modo central, o pressuposto da determinação do inconsciente na constituição psíquica e em seus modos de funcionamento. A referência epistemológica que fundamenta saberes e práticas na área das ciências humanas não se confunde com exigências metodológicas quantitativas, positivistas. Tudo o que avancei até então nesta entrevista acerca da singularidade da noção de história e de escuta em psicanálise pode fornecer, penso eu, elementos de especial relevância para o esclarecimento desta ordem de questões, o que me faz convidar, então, o leitor a pensá-la a partir desses referentes. Ou seja, as articulações entre ciência, subjetividade e história mostram-se bastante interessantes e esclarecedoras, permitindo aprofundamento e uma ampliação do horizonte dessa discussão.

Sérgio Eduardo Nick

A questão de saber se a psicanálise é uma ciência tem uma longa história com defensores de ambas as posições.

A favor do fato de ser uma ciência, existem psicanalistas que atuam na área de pesquisa e que tentam comprovar com dados empíricos, por exemplo, a eficácia do tratamento analítico.

A própria IPA patrocina a pesquisa em psicanálise há muito tempo, com mais de 400 documentos que atestam os resultados dessas pesquisas (vide https://www.ipa.world/en/Psychoanalytic_Theory/Research/open_door.aspx).

Uma das linhas de pesquisa mais importante buscou atestar a eficácia no tratamento da depressão. Marianne Leuzinger-Boehleber foi das colegas que mais se empenhou nessas pesquisas, uma vez que o governo alemão demandava dados para seguir custeando as sessões psicanalíticas. É interessante verificar que, diante de testes como o de “Hamilton para Depressão”, a terapia psicanalítica de alta frequência (mais de 3 sessões por semana) apresentou resultados superiores aos das outras práticas psicoterápicas.

Vale destacar que os custos exorbitantes dessas pesquisas nos colocam em desvantagem frente a outras linhas mais afins com a indústria farmacêutica, cujos orçamentos para pesquisa englobam inclusive o fomento à concepção

da DSM5-TR (ver <https://www.medscape.com/viewarticle/dsm-5-panel-members-received-14m-undisclosed-industry-2024a10000pa>).

Por outro lado, uma linha desenvolvida a partir das ideias de Bion e Meltzer propõe que a psicanálise está mais próxima da arte do que da ciência, conforme tentei expor acima. Aos adeptos dessa linha teórica, pouco importa se a Psicanálise é ou não uma ciência. Os incríveis desenvolvimentos clínico-teóricos alcançados são testemunho de como a prática psicanalítica pode ajudar na construção de novas linhas para a compreensão da mente humana, a diminuição do sofrimento neurótico, e a lidar com os elementos traumáticos e suas consequências sobre o psiquismo.

Uma das bases a partir da qual muito se avança hoje está imbricada com a questão das representações, suas relações com as emoções, e como desordens traumáticas que atingem a mente podem emergir no campo analítico.

A questão da cientificidade da Psicanálise foi objeto de intensos debates aqui no Brasil, a partir de um livro que a descrevia como uma pseudociência.

Elisa Maria de Ulhôa Cintra, em seu texto copiado na página do Facebook “Consultório de Psicanálise” (2023, 27 de agosto), diz que:

(a)s práticas psicoterápicas têm o objetivo de curar as feridas humanas que impedem as pessoas de construir sua própria história. Porque seu sofrimento é tão grande que elas foram se transformando em coisas, sem voz e sem lugar. Foram achando melhor gemer mais baixo até silenciar de vez. (Consultório de Psicanálise, 2023, 27 de agosto).

Respondendo à Natalia Pasternak, diz:

Você parece não acreditar que existe o traumático e que o trauma reduz a vida das pessoas a nada, e as leva a perder a coragem de ser, até não poder mais ser. E que isto não se cura através de nenhum medicamento, por melhor que seja. O trauma precisa ser desconstruído através de práticas que têm a mesma natureza de sua origem e causa.

Prosseguindo com Elisa:

As palavras e as práticas terapêuticas criam remédios e tem acesso a lugares feridos, que nenhum psicotrópico consegue acessar. São lugares que foram feridos pela brutalidade humana das palavras. Os psicanalistas têm, entre outros, o desejo de acessar tais lugares e aquecer o que ficou silenciado e congelado pela indiferença humana. (Consultório de Psicanálise, 2023, 27 de agosto).

Já Luciano Elia (Elia, 2023) escreve que:

(o)riunda da medicina como práxis, a psicanálise fez o que o grande Gaston Bachelard conceituou como um *corte epistemológico* com a medicina, fundando um novo campo epistêmico, uma nova ciência, a psicanálise. Bachelard ... é o decano da epistemologia crítica do século XX, ciência que tem por função examinar criticamente as práticas científicas, avaliar seu rigor e sua cientificidade... (Elia, 2023).

E segue:

Os epistemólogos críticos – Gaston Bachelard, Karl Popper, Thomas Khun, Michel Foucault, Louis Althusser, Georges Canguilhem e na América Latina Mario Bunge (Argentina), Carlos Henrique Escobar e Hilton Japiassu (Brasil), entre outros – demonstraram de modo contundente a pseudo-cientificidade dos métodos positivistas, empírico-indutivos, que estão na base da falsa ciência atual. Eles não deixaram herdeiros na geração atual porque a “ciência” contemporânea, em golpe ideológico apoiado pelo capital, que Lacan denominou de “cópula da ciência com o capitalismo”, eliminou a epistemologia que poderia julgá-la, tratando cuidadosamente de exterminá-la do universo acadêmico, científico e editorial, no final do século – não por acaso no momento histórico em que o capitalismo iniciou sua escalada de degradação no neoliberalismo. (Elia, 2023).

Ao citar estes autores, busco mostrar que a questão levantada tem inúmeros vieses que nós fomos abarcando, com o auxílio de filósofos e epistemologistas, para não nos deixar levar por acusações levianas ou pretensamente científicas.

4 – Para além do clássico tripé, qual seria o papel da sua história pessoal na formação de um psicanalista?

4 – Más allá del clásico trípode, ¿cuál sería el papel de su historia personal en la formación de un psicoanalista?

Julio Moreno

Em primeiro lugar, eu diria que todo psicanalista, a fim de poder trabalhar como tal, deve ter sido analisado, para que seus problemas internos influenciem o mínimo possível na interpretação que dá a seus pacientes. Além disso, é necessário que sinta um “chamado”, isto é, uma vocação para dedicar-se a en-

tender as motivações que fazem com que alguém seja como é, deixando-se a si mesmo e seus problemas, por assim dizer, de lado.

Todas essas demandas estão contempladas nos requisitos que são (ou deveriam ser) impostos pelas instituições psicanalíticas ditas “oficiais” e ligadas à IPA, assim como por outras instituições das quais desconheço especificamente seus requisitos. No entanto, de todo modo, é importante para todas elas elucidar, em entrevistas pessoais, se os avaliadores consideram ou não que quem se postula a ser psicanalista está em condições de sê-lo do ponto de vista, por assim dizer, de sua saúde mental.

Todas essas questões estão sujeitas ao debate, mas a assim chamada formação psicanalítica começa após uma avaliação de um grupo de analisatas didatas reunidos em uma comissão, que decide se admite o ingresso do aspirante à formação psicanalítica. Essas instituições consideram que a formação futura do aspirante estará baseada em um tripé cujos apoios são: a) uma intensa análise pessoal – análise didática – com um experiente analista chamado *didata*; b) um exaustivo estudo das teorias e práticas psicanalíticas através de seminários de formação que duram ao menos quatro anos; e c) supervisões de pelo menos dois casos de pacientes dos aspirantes, atendidos em terapias psicanalíticas. Essas supervisões são, então, avaliadas através de relatórios dados por um ou vários supervisores didatas. Isso vale simplesmente para uma instituição, que é a que conheço, a APDeBA, sociedade membra da IPA. Desconheço as grandes ou pequenas diferenças com relação a outras instituições, mas não há dúvida de que é importante essa “formação” para ser psicanalista.

Idioma original

Como primer punto diría que todos los psicoanalistas para ejercer como tal deben haberse psicoanalizado para que sus problemas internos influyan lo menos posible en la interpretación que da a sus pacientes. Además, es necesario que sienta un “llamado”, es decir una vocación para dedicarse a entender las motivaciones que hacen que alguien sea como tal, dejándose a sí mismo y sus problemas, por así decir, a un lado.

Todos estos requerimientos están contemplados en los requisitos que impone (o deberían imponer) las instituciones psicoanalíticas así llamadas “oficiales” ligadas a la IPA y también, otras instituciones de las que desconozco cuáles son específicamente esos requerimientos. Pero, de todos modos, es importante para todas ellas dilucidar en entrevistas personales si los evaluadores

consideran o no que quien se postula a ser psicoanalista esté en condiciones a serlo desde el punto de vista de por así decir, su salud mental.

Todas estas cuestiones son debatibles pero la así llamada formación psicoanalítica comienza tras una evaluación de un grupo de analistas didactas reunidos en una comisión que da o no lugar al ingreso del aspirante a la formación psicoanalítica. Estas instituciones consideran que la formación futura del aspirante estará basada en un trípode cuyos apoyos son a) un intenso análisis personal –análisis didáctico– con un experimentado analista llamado *didacta*, b) un exhaustivo estudio de las teorías y prácticas psicoanalíticas a través de seminarios de formación que duran al menos cuatro años y c) supervisiones de por lo menos dos casos de pacientes del aspirante atendidos en terapias psicoanalíticas. Estas supervisiones son luego, evaluadas a través de los informes dados por uno o varios supervisores didactas. Esto vale simplemente para una institución que es la que conozco que es APdeBA, sociedad componente de la IPA. Ignoro las grandes o pequeñas diferencias con otras instituciones, pero no queda duda que es importante esta “formación” para ser psicoanalista.

Marta Rezende Cardoso

Reiterando o que avancei sobre a singularidade da história em psicanálise, é possível deduzir que a história pessoal do sujeito no processo de formação analítica é absolutamente incontornável. Acredito que o ponto principal a ser aqui destacado é justamente o fato de a história pessoal não poder ser considerada como elemento dissociado do clássico tripé, ao qual sempre fazemos referência, insistindo em sua legitimidade e exigência na formação psicanalítica. A história pessoal, matéria-prima da psicanálise, e, claro, comportando também esse estatuto na história do “tornar-se analista”, não está exatamente além do referido tripé, posto que ela se mostra ativa, ressoando viva com suas dimensões consciente, pré-consciente e inconsciente no encontro que fará o sujeito com o saber psicanalítico através de sua experiência na supervisão, em sua abertura à transmissão teórica e, mais fortemente ainda, em sua análise pessoal.

Sérgio Eduardo Nick

A história pessoal do analista é, penso eu, crucial na escolha de nosso ofício. Uma vez que passamos pela análise pessoal, vamos nos dando conta de como nossas experiências precoces impactaram fortemente esta escolha. Assim, podemos nomear as identificações primária e secundárias como uma base a partir da qual vamos construir nossa identidade analítica. Nesse sentido, o prazer

fruído pela atividade analítica terá como base vivências precoces de prazer nas relações mãe-bebê e cuidadores-bebê.

A elas se segue a forma como pudemos dar vazão ao nosso impulso epistemofílico e seu corolário, nosso interesse em saber do outro e de seus funcionamentos mentais, seus sonhos, e seus desejos mais íntimos.

Eu poderia prosseguir na descrição das inúmeras vicissitudes por que passa o sujeito que vai se formar como psicanalista, mas penso que a resposta a essa pergunta, por mais óbvia que pareça, inclui uma plêiade de questões pessoais que vão se articular numa tessitura particular a cada sujeito.

Referências

- Consultório de Psicanálise. (17/08/2023). Mais um texto lúcido e sensível posicionando a psicanálise enquanto agente de cura num mundo cada vez mais instrumentalizado (...) [Post no Facebook]. <https://www.facebook.com/aldo.ambrozio/>. Acesso 30/01/2024.
- Elia, L. (2023, 20 de julho). Pasternak: desconhecimento travestido de ciência, por Luciano Elia. GGN. <https://jornalggn.com.br/ciencia/desconhecimento-travestido-de-ciencia-por-luciano-elia/>
- Green, A. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Imago.
- Leibniz, G. (1710). *Ensayos de Teodicea*. Abada Editores, Madrid, 2015.
- Mezan, R. (2014). *O tronco e os ramos*. Companhia das Letras.
- Moore, G. E. (1903). *Principia Ethica*. Londres. Cambridge University Press.
- Moreno, J. (2016). *El psicoanálisis interrogado*. Lugar Editorial: Buenos Aires.
- Roudinesco, E. (2017). Freud, história e memória. *Rev. bras. Psicanálise*, 51, n. 2.
- Strachey, J. (1969). The Nature of the Therapeutic Action of Psychoanalysis. *International Journal of Psychoanalysis*, 50, 275-292. (Trabalho original de 1934).
- Ungar, V. (2015) El oficio del analista y su caja de herramientas: la interpretación revisitada. *International Journal of Psychoanalysis en Espanol*, 1, 663-682
- Wittgenstein, L. (1993). *Los cuadernos azul y marrón*. Planeta Editorial, Buenos Aires.
- Wittgenstein, L. (2003). *Tractatus lógico-philosophicus*. Alianza Editorial, España.

Tradução Tomás Sertã

Julio Moreno

juliomoreno@gmail.com

Marta Rezende Cardoso
rezendecardoso@gmail.com

Sérgio Eduardo Nick
sergionick22@gmail.com